

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA: A PROTAGONISTA EM *O DESPERTAR*, DE KATE CHOPIN

REPRESENTATION OF WOMEN IN LITERATURE: MAIN CHARACTER IN *THE AWAKENING*, BY KATE CHOPIN

Fabiane Verardi Burlemaque

Deisi Luzia Zanatta

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a prática de transgressão emancipatória da protagonista Edna Pontellier, no romance *O despertar* (1989), da escritora norte-americana Kate Chopin. Ao se dar conta de si como sujeito, Edna Pontellier muda suas características e comportamento em relação ao modelo de mulher no século XIX, condicionado histórica e culturalmente por uma sociedade dominada pela égide patriarcal. A pesquisa evidenciou que Kate Chopin apresenta a condição feminina no século XIX e, ao construir a sua heroína, Edna Pontellier, engendra nela os pensamentos modernos como escritora e mulher à frente de seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE: *O despertar*. Protagonista. Emancipação. Kate Chopin.

ABSTRACT: This paper aims at analyzing the female emancipation of the main character Edna Pontellier, in the novel *The Awakening* (1989), by North-American writer Kate Chopin. When main character by realizing herself as a subject, change her characteristics and behavior concerning the model of woman in the nineteenth century, historically and culturally conditioned by a patriarchal society. The research showed that Kate Chopin presents the female condition in the nineteenth century and, by creating her heroine, Edna Pontellier, Chopin engenders in it her own thoughts as a writer and woman ahead of her time.

KEYWORDS: *The Awakening*. Main character. Emancipation. Kate Chopin.

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA: A PROTAGONISTA EM *O DESPERTAR*, DE KATE CHOPIN

INTRODUÇÃO

Ler, refletir e analisar os contos e obras de uma escritora tão à frente de seu tempo como Kate Chopin que teve seu romance relegado ao esquecimento por mais de cinquenta anos pela sociedade em que viveu, parece ser um trabalho muito desafiador e prazeroso. A crítica da época considerou o romance *O despertar* como indecente, ousado e mórbido, evidenciando que a escritora havia ido longe demais. Willa Cather considerou Edna Pontellier como uma Bovary Creole em um artigo publicado no jornal *Pittsburgh Leader*, em 8 de julho de 1899. Contudo, a crítica e a dificuldade para publicar seus textos não silenciaram a voz de Chopin, que ressurge em meados de 1950, graças ao surgimento de novas correntes filosóficas e literárias. A sagacidade, a crítica e a ironia desenvolvidas nas produções estéticas de Chopin mostram uma escritora capaz de produzir textos inovadores para sua época.

Diante disso, o objetivo deste artigo é analisar como a obra apresenta a prática transgressora de emancipação da protagonista Edna Pontellier, no romance *O despertar*, de Kate Chopin levando em consideração o processo de construção da individualidade a qual se submete à personagem principal.

Com o intuito de atendermos ao objetivo proposto, este texto se organiza da seguinte maneira: na primeira seção, dedicamos um espaço à questão teórica sobre a luta dos direitos das mulheres e a escrita feminina conforme Michelle Perrot (1991, 2008), Elódia Xavier (1991) e Virginia Woolf (1928). Na sequência, apresentamos a

análise do *corpus* realizando um diálogo com a teoria da personagem e do foco narrativo, entidades ficcionais importantes para evidenciar a emancipação da protagonista, de acordo com os postulados de Antonio Candido (1976), Edward M. Forster (2002), Norman Friedman (2002), Gérard Genette (1972), Carlos Reis (2001, 2004) e Ruth Miguel (2016). Por fim, algumas considerações, que revelam breves conclusões e possibilidades de estudo decorrentes da análise da obra literária investigada sob a ótica da teoria escolhida.

1 NA ESCRITA FEMININA

Conforme Perrot (1991), as transformações sociais e econômicas iniciadas com a Revolução Francesa até a Primeira Guerra Mundial afetaram o mundo, originando movimentos socialistas, dos quais emergiam novas maneiras de pensar e ideais feministas, fazendo surgir uma nova mulher. A historiadora acrescenta, ainda, que não havia salvação para as mulheres fora do lar e do casamento, o que levava as mulheres solteiras a serem vistas com maus olhos pela sociedade. A concepção da sociedade da época consolidava-se em cima das bases matrimoniais, em que a única opção honrosa para uma mulher, ao sair da casa paterna, era casar-se, submeter-se à obediência e submissão, agora, exercida pelo marido, honrar pela harmonia familiar, ser mãe, esposa e dona de casa exemplar.

Contudo, mesmo em meio a tanta repressão, algumas poucas mulheres arriscaram-se na escrita literária. A esse respeito, é importante destacar o que Virginia Woolf escreve em *Um teto todo seu*¹ sobre as condições sociais e econômicas da mulher escritora. Segundo Woolf, “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (Woolf, 1928, p.8). Com isso, a escritora aborda, neste ensaio, uma discussão sobre as condições de vida das mulheres na Inglaterra e as possibilidades de se tornarem escritoras numa sociedade regida pelo patriarcalismo e marcada pela desigualdade entre os sexos.

Como exemplo, Woolf (1928) cria uma personagem fictícia dentro do próprio ensaio, Mary Beton ou Mary Carmichael, que mostra como era a vida das mulheres naquele contexto histórico e quais os romances em destaque e as últimas discussões envolvendo a temática sobre mulheres. Para ela, a estrutura que comporta as oportunidades de direitos entre homens e mulheres é totalmente desigual para as pessoas do sexo feminino. Isso se refere tanto às questões econômicas quanto ao acesso à cultura, educação e artes. Assim, a personagem menciona a relação que há entre a produção intelectual e as condições financeiras das mulheres, evidenciando que a carência de dinheiro, a falta de trabalho ou herança familiar, pode influenciar diretamente na ausência de produção literária e artística das mulheres. Enfatiza, também, que os homens propagavam a incapacidade da mulher, desencorajando-as a escreverem suas obras ao afirmarem a péssima qualidade de sua produção escrita, assim, as condicionavam à inferioridade.

¹ O ensaio *Um teto todo seu* baseia-se em dois artigos lidos por Virginia em outubro de 1928 perante a Sociedade das Artes em Newnham e Odtt, em Girton. Devido à extensão dos artigos, a escritora optou por reuni-los para uma posterior publicação. As mulheres inglesas que se fizeram presentes para assistir a Conferência esperavam ouvir uma discussão sobre o tema “As mulheres e a ficção”.

Alguns espaços foram motivadores para a produção da escrita feminina, como os salões e os conventos, que “eram lugares de abandono e de confinamento, mas também refúgios contra o poder masculino e familiar. Lugares de apropriação do saber, e mesmo de criação.” (PERROT, 2008, p. 84). A crítica feminista Elódia Xavier (1991), em defesa da relevância e diferença na linguagem, enfatiza que, “sabe-se da estreita relação entre linguagem e sujeito, e, portanto, quando uma mulher articula um discurso este traz a marca de suas experiências, de sua condição; práticas sociais diferentes geram discursos diferentes” (XAVIER, 1991, p.13).

A escrita feminina produzida por mulheres à frente de seu tempo como Kate Chopin conseguiu transmitir as ações e sentimentos psicológicos de personagens que buscavam libertação numa sociedade patriarcal que só as repreendia. Logo, Chopin, por meio da escrita literária, denunciou as formas de abuso maquiadas contra a mulher.

2 A PROTAGONISTA DE *O DESPERTAR*: EDNA PONTELLIER

Edna Pontellier é a protagonista de *O despertar* (1899), romance que causou escândalo na sociedade conservadora dos Estados Unidos na virada do século XX devido a seu conteúdo, o que contribuiu para o esquecimento de Kate Chopin por aproximadamente cinquenta anos. Edna possui uma complexidade singular no universo da trama, que reconstitui as ações de uma mulher que tenta se emancipar das regras patriarcais impostas pela sociedade *creole* de New Orleans. No decorrer da narrativa, Edna sofre transformações físicas e psicológicas, o que leva o narrador a apresentá-la como uma mulher que vai contra os preceitos do sistema patriarcal, não submissa, tampouco mãe, esposa e dona de casa exemplar. O enredo insere-se numa época em que a divisão dos espaços era bem demarcada: ao homem, o espaço público do trabalho e das relações sociais; à mulher, a esfera doméstica.

Em *O despertar*, algumas personagens se ligam ao processo de transgressão da protagonista. Adèle Ratignolle é o exemplo de mulher que o patriarcalismo corrobora como ideal, pois, enclausurada no lar, cuida dos filhos e do marido, usufruindo da vida confortável que seu esposo lhe proporciona, por isso, não ousa ultrapassar as normas da sociedade. A descrição de Adèle evidencia tal pressuposto: “Não há palavras para descrevê-la, salvo as do passado que serviam tão frequentemente para ilustrar a antiga heroína de romance e a bela dama de nossos sonhos” (CHOPIN, 1994, p.19). Mademoiselle Reisz, por sua vez, opta por não constituir família e torna-se uma solteira independente, uma espécie de representação dos ideais feministas no romance. Mademoiselle também exerce fundamental importância no processo emancipatório de Edna Pontellier, pois “era ali, na presença daquela personalidade que a agredia, que a mulher, com sua arte divina, parecia alcançar o espírito de Edna e libertá-lo” (CHOPIN, 1994, p.105).

Mademoiselle Reisz é uma mulher solteira e independente, uma pianista que representa o ideal de liberdade, tudo que o patriarcalismo enfatiza como desagradável para a mulher, uma vez que o papel atribuído a ela é cuidar do lar, filhos e marido. A maneira como o narrador a descreve enfatiza tal assertiva: “Era uma mulherzinha desagradável, de meia idade, que se desentendia com quase todo mundo devido a um temperamento belicoso e a uma disposição de atropelar os direitos alheios” (CHOPIN, 1994, p.40).

A aparição de tal personagem ocorre somente no capítulo IX, momento em que, numa reunião dançante na pensão dos Lebrun, Robert questiona Edna, que está descansando na varanda e apreciando o Golfo, se gostaria de ouvir Mademoiselle tocar.

Com a resposta afirmativa, Robert diz que Mademoiselle gosta de Edna e sai imediatamente para chamá-la. A protagonista se autodefine como apreciadora de música; ela adorava ouvir, às vezes, pela manhã, quando a Sra. Ratignolle praticava ao piano e intitulara de “Solidão” uma música intensa e significativa executada por aquela senhora. Num momento da canção, vem à mente de Edna a imagem de um homem nu, localizado ao lado de uma rocha, próximo ao mar. Ao pensar nessa imagem, os olhos da protagonista divagam distantes, fixos em um pássaro voando. Mas, ao ouvir Mademoiselle, nenhuma imagem brota em seus pensamentos porque a protagonista está se emancipando e a voz narrativa apresenta o que se passa na mente de Edna Pontellier:

Ela esperou pelas imagens materiais que achava apresentar-se-iam em sua imaginação. Esperou em vão. Não viu imagens de solidão, de esperança, de anseios ou desespero. Mas verdadeiras paixões se formaram no âmago de sua alma, agitando-a, açoitando-a, como as ondas que diariamente se chocavam contra seu corpo esplêndido. Ela estremeceu, sufocava, e as lágrimas cegaram-na (CHOPIN, 1994, p. 41).

O excerto supracitado mostra que as percepções da protagonista são essenciais no processo de transgressão. Ao atentarmos para as palavras de Genette (1972) percebemos que “no discurso indireto livre, o narrador assume o discurso da personagem, ou, se preferir, a personagem fala pela voz do narrador, e as duas instâncias vêm-se então *confundidas*: no discurso imediato, o narrador dilui-se e a personagem *substitui-se-lhe*” (GENETTE, 1972 p.172-173). Essa instância narrativa se torna cada vez mais explícita na obra a fim de o leitor perceber as transformações ocorridas no monólogo da protagonista e como tais a impulsionam na transgressão das normas patriarcais.

As sensações psicológicas de Edna também ganham as páginas da obra quando o som do piano toca a sensibilidade da protagonista, evidenciando outro momento que a impulsiona para sua emancipação. Além de revelar-se uma mulher apreciadora da cultura musical, Edna vê na pianista um lado que aflora em seu “eu” interior; ela se identifica com Mademoiselle, ou seja, com o lado da mulher independente que a protagonista tenta consolidar ao abandonar a mansão Pontellier e se sustentar com a pintura dos seus quadros, numa casa simples. Edna ruma ao “despertar” enquanto mulher que passará a ingressar o espaço público, por meio de seu próprio trabalho e o discurso indireto livre evidencia os sentimentos da protagonista: “Não era a primeira vez que ouvia um artista ao piano. Talvez fosse a primeira vez que estivesse pronta, a primeira talvez em que seu ser estivesse preparado para receber uma manifestação da verdade perene” (CHOPIN, 1994, p.41).

Numa visita à senhora Reisz, esta questiona Edna sobre suas atividades; a protagonista afirma que ultimamente tem insistido na pintura e que estava se tornando uma artista. Ao chamar Edna de pretensiosa, Mademoiselle afirma que: “Ser artista exige muito; é preciso possuir muitos dons – dons absolutos – que não foram adquiridos pelo esforço próprio. E além do mais, para sair-se bem, o artista precisa ter uma alma corajosa” (CHOPIN, 1994, p.87).

Num contexto que envolve o amor entre Edna e Robert, Mademoiselle Reisz toca as notas do piano do *Impromptu* para a canção de amor de Isolda, uma personagem trágica da literatura que morreu de tristeza ao encontrar seu amor, Tristão falecido, regressando novamente para o *Impromptu* de Chopin. As lágrimas derramadas ao som da música dão indícios ao leitor de que o conteúdo da carta, que Robert enviou à

senhora Reisz, trata do amor impossível que Robert sente por Edna, uma mulher casada. Esse marco na vida da protagonista representa, em sua trajetória de emancipação, a transgressão às normas sociais quanto ao amor fora do casamento. Descobrendo-se cada vez mais como um sujeito ativo, o narrador evidencia que “Edna estava soluçando tal como chorara naquela meia-noite em Grand Isle, quando novas e estranhas vozes despertaram nela” (CHOPIN, 1994, p.87).

Kate Chopin se vale de outra personagem que também impulsiona o “despertar” da protagonista: Alcée Arobin. O envolvimento entre Edna e Arobin inicia quando este a acompanha às corridas de cavalo. Mas essa relação se intensifica à medida que ela o recebia em visitas frequentes em sua casa, enquanto Léonce Pontellier estava a negócios em Nova York. Não tardou que os comentários se alastrassem pela cidade. Então, Adèle alertou Edna sobre a reputação de Alcée, afirmando que a protagonista poderia ser malvista pela sociedade por andar com tal companhia. Por meio da descrição de Arobin, percebe-se o trânsito de sua figura pela vida mundana de New Orleans. Segundo o narrador: “Ele era uma figura familiar nas corridas, na ópera, nos clubes da moda. Seus modos eram calmos e por vezes um pouco insolentes. Tinha boa aparência, um rosto agradável que não se sobrecarregava com pensamentos ou sentimentos profundos, e seu modo de trajar era o do homem mundano convencional” (CHOPIN, 1994, p.99).

De acordo com Forster (2005), as personagens redondas nos surpreendem de maneira convincente, ou seja, são aquelas que, de alguma forma, rompem com alguns estereótipos. É o caso da protagonista do romance. Edna representa uma mulher à frente de seu tempo, ela possibilita a identificação de mulheres que lutam pelos seus direitos e por um espaço na sociedade. Assim, por meio dessa personagem “recupera-se a referência ficcional, como processo de articulação da narrativa e da sua relação com o mundo” (REIS, 2001, p.31).

Em meio a sensações contraditórias, a protagonista é direcionada a descobrir que o prazer sexual, além de ser praticado numa relação extraconjugal, pode fluir sem estar ligado diretamente pelo amor. A descoberta do desejo sexual representa o desabrochar da sensualidade e do erotismo feminino numa época fortemente marcada pelas convenções sociais, em que o patriarcalismo, como já referido, repreendia a mulher como objeto de seus maridos e a prática sexual se limitava apenas à reprodução.

Edna está em busca da sua emancipação, que se desenvolve devido à descoberta de si como uma mulher sensual e desejada. É significativa a cena em que, após consumir o ato sexual com Arobin, o narrador apresenta, no capítulo XVIII, o estado de espírito da protagonista ante esse acontecimento em seu caminho de libertação: “Edna chorou um pouco naquela noite, depois que Arobin a deixou. Era apenas uma fase das multifacetadas emoções que a assaltavam. [...]. Mas não havia vergonha ou remorso entre as sensações conflitantes que assaltavam-na” (CHOPIN, 1994, p.111-112).

Seguindo seu caminho de emancipação, é por meio do sentimento por Robert Lebrun que Edna Pontellier desperta para o amor verdadeiro. Um dos ritos dessa trajetória de libertação está alicerçado na descoberta da paixão. Já no início do romance, a relação entre Robert e Edna se desenvolve, pois ele auxilia a protagonista em sua prática de natação no mar. A primeira aparição de Robert acontece quando, ao lado de Edna Pontellier, retorna da praia. Com isso, tem-se uma tríade formada pela relação entre Robert, Edna e o mar, que se ligam diretamente ao processo de transgressão da protagonista ao longo da narrativa.

A voz narrativa apresenta aos leitores a intimidade entre ambos e como que conduzem a conversa:

[...] Robert e a Sra. Pontellier indolentemente sentados, trocando palavras, olhares e sorrisos ocasionais que indicavam algum estágio avançado de intimidade e camaradagem. Ele vivera à sombra dela durante o último mês. Ninguém parecia reparar. Muitos haviam previsto que Robert devotar-se-ia à Sra. Pontellier quando chegasse. [...] A Sra. Pontellier gostava de ficar sentada olhando para seu belo acompanhante como olharia para uma Madona perfeita (CHOPIN, 1994, p. 21-22).

Essa interioridade já aponta para a sinalização do desejo e da proibição, da ultrapassagem das convenções, o que leva Edna a perceber que dentro de si ocorre uma transformação que ela inicialmente não consegue entender. Ao mesmo tempo que descobre seu corpo como um objeto do prazer, de paixão e de desejo, Edna se dá conta das regras sociais que a mantém atrelada ao leito conjugal, em seu papel de mãe e esposa; no entanto, seu desejo é o de violá-las como aponta o narrador: “Em suma, a Sra. Pontellier estava começando a perceber sua posição no universo como ser humano e a reconhecer suas relações, enquanto indivíduo, com seu mundo interior e com o que a cercava” (CHOPIN, 1994, p.25).

No mar, a protagonista é levada inconscientemente para o processo de libertação e conscientização de si como sujeito; por isso, cumpre analisar como ocorre a relação entre Edna e o mar quando ela consegue nadar sozinha sem o auxílio de Robert Lebrun. O capítulo X do romance apresenta, após muitas tentativas, essa conquista de Edna. Depois de um jantar na casa dos Lebrun, Robert convida todos para um mergulho no mar. A cena desse começo da emancipação de Edna sugere um ato de poder, mas não ocorre por acaso, pois marca a trajetória de uma mulher se constituindo como ser humano no universo. Esse ato de conquista pessoal não se liga somente ao amor pelo mediador de Edna com sua liberdade, o professor de suas aulas de natação, Robert Lebrun, mas também ao desejo de “navegar por outros mares.” A alegria de dominar as águas do Golfo por si, invade a alma da protagonista e o narrador (a) evidencia a sensação e os sentimentos de Edna:

um sentimento de exultação tomou conta dela como se algum poder de importância significativa lhe tivesse sido outorgado para controlar o funcionamento de seu corpo e sua alma. [...] Queria nadar para longe, até onde mulher alguma jamais tivesse nadado antes (CHOPIN, 1994, p. 43).

A cena que abre o capítulo XII apresenta que as horas de sono de Edna, após conseguir nadar sem auxílio de outrem, revela uma mulher que passou por um sono um tanto conturbado, o que não deixa de significar uma alusão ao processo de conscientização psicológica que atinge a protagonista. Edna, acordada e vestida, prepara-se para ir até à Chênrière presenciar a missa. O universo, agora, apresenta Edna Pontellier numa escala de inter-relação diferente com as coisas e pessoas que a rodeiam. Durante o trajeto, a protagonista vive outro momento de intensa liberdade “como se estivesse sendo conduzida para longe de algum ancoradouro ao qual estivera firmemente presa, cujas amarras tivessem sido afrouxadas – partidas, na noite anterior, quando o espírito místico andava à solta, deixando-a livre para navegar para onde quisesse guiar suas velas” (CHOPIN, 1994, p.51).

Conforme Candido (1976), “a compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por todas, é muito mais precisa do a que nos vem da existência. Daí podermos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo” (CANDIDO, 1976, p.59). Tal concepção só é possível, porque a construção da obra reúne elementos coerentes dentro do universo ficcional, ou seja, a personagem circula pelo enredo e interage com as demais figuras ficcionais, refletindo, de certa maneira, atitudes dos seres reais. Pode-se dizer que, assim, “unidos, enredo e personagem fazem parte de um todo consensual, no qual a personagem deve parecer tão perto do real quanto possível, deve ter vida, ser um ser vivo aproveitando os limites de sua própria realidade” (MIGUEL, s.p, 2016).

É justamente o que ocorre com Edna, pois seus atos e percepções mostram as barreiras que muitas mulheres enfrentaram numa sociedade dominada pelo poder masculino. A interação com as demais personagens evidenciam “os despertares” de Edna, permitindo-a abdicar da personalidade moldada pelo patriarcalismo, transformando-se numa mulher repaginada. A descoberta do amor pelo jovem Lebrun também a impulsiona para a emancipação.

A protagonista, enquanto navega para a baía, permite-se aventurar pelos devaneios de Robert ao convidá-la para um passeio a dois em Grande Terre no dia seguinte e, também, levá-la em uma piroga numa noite de lua brilhante, para que o espírito do Golfo os guiasse até o tesouro do pirata. Certamente, os planos verbalizados por ambos são indícios do amor que sentem um pelo outro. Edna mergulha nessa aventura, revelando o outro lado que nasce em seu ser: a energia e vitalidade de uma mulher em transgressão. Ambos seguem com seus planos até o barco ancorar, todos descem e vão em direção à igreja de Nossa Senhora de Lourdes.

O ambiente sufocante da pequena igreja faz com que Edna tenha uma sensação de opressão e sonolência. Com dor de cabeça e um pouco zozna, a protagonista se retira e Robert a segue, levando-a para descansar na casa de Madame Antoine. Essa sensação ruim representa as ideias do catolicismo em relação ao papel da mulher. Edna está se emancipando e, com isso, Kate Chopin, através do seu romance, traduz a opressão sofrida pela mulher devido às regras do patriarcalismo, valendo-se de um recurso metafórico para expressar a voz proibitiva da religião toda vez que aparecem demonstrações públicas de afeto. No romance, a repressão religiosa é mostrada pela *dama de preto*, que está enraizada no texto de acordo com os preceitos culturais da época e da região em que se desenvolve o enredo.

Vale ressaltar a força da herança religiosa e conservadora do catolicismo em Saint Louis, religião esta que se opõe a da protagonista. Porém, essa ambivalência de crenças religiosas não é a base na qual se desenvolve a história de Edna. A visão do narrador é liberal e, sob os preceitos de que nada escapa aos olhos de Deus e que este também se encontra em qualquer lugar, a *dama de preto* surge em todas as situações que demonstram paixão explícita.

Mas Edna não se deixa oprimir e, na casa de Madame Antoine, num ambiente acolhedor, simples e próximo às belezas da natureza, a protagonista descobre seu corpo como objeto do seu próprio desejo e prazer. Ao despír-se, tocar seu corpo e acariciar seus longos cabelos, Edna experimenta sensações incomuns; ao deitar-se na cama, a interação com ela mesma revela um grande prazer dos sentidos despertados através de seu corpo. Essas sensações, além de propiciar que Edna explore o contato com seu físico, concretizam-se no momento em que a protagonista relacionar-se com Alcée Arobin.

O encontro entre Edna e Robert após o retorno deste do México somente acontece no capítulo XXXIII, na casa de Mademoiselle Reisz. Edna visita a pianista que não se encontra em casa, mas, por saber do esconderijo da chave, resolve entrar e esperar, tocando uma música ao piano. Inesperadamente alguém bate na porta e a protagonista pede que entre. É então que surge Robert Lebrun. Surpresa, Edna o questiona sobre quando e por que ele havia voltado do México; demonstra sentimentos de indignação ao saber que seu amado estivera sob o mesmo céu que ela há dois dias e somente por acaso o encontrara. Em um momento de envolvimento, o olhar demonstrando as percepções e o sentimento entre ambos parece aflorar, despertando-os para o aguçado sentimento do amor. O discurso indireto livre revela a percepção de Robert ao olhar para Edna: “Viu em seus olhos, quando olhou para ela durante um momento de silêncio, a mesma carícia terna com um ardor e súplica que antes não possuíam – o mesmo olhar que penetrara nos recantos adormecidos de sua alma e os despertara” (CHOPIN, 1994, p.129).

O choque inesperado que assola Edna é chegar em casa, após o parto de Adèle e não encontrar seu amado Robert, mas apenas um bilhete dizendo: “Eu a amo. Adeus... porque eu a amo.” (CHOPIN, 1994, p.147). Abandonada por seu amor, a protagonista vai até a praia de Grand Isle. Lá veste seu traje de banho, mas, ao ver-se seduzida pela voz envolvente das águas do Golfo, despe-se, ficando nua debaixo do céu. A sensação prazerosa representa a propriedade de apossar-se de seu corpo numa atividade ativa de acordo com seu desejo, não mais como uma mulher submissa. Edna percebe sua libertação social, amorosa, sexual, profissional e psicológica, repetindo para si mesma: “Hoje é Arobin, amanhã será algum outro. Não faz diferença para mim, não me importo com Léonce Pontellier... mas Raoul e Étienne!” (CHOPIN, 1994, p.149).

Percebemos que o monólogo da protagonista se torna cada vez mais intenso e evidente ao leitor no final da obra, ou seja, o narrador desaparece, permitindo ao fluxo de consciência da personagem tomar todas as atenções da tela romanesca para si, a fim de mostrar o momento essencial da transgressão de Edna. Ocorre, então, a onisciência que “significa literalmente, aqui, um ponto de vista totalmente ilimitado – e, logo, difícil de controlar” (FRIEDMAN, 2002, p.173), como também “uma sabedoria experienciada e temporalmente sustentada” (REIS, 2004, p.8) pela entidade ficcional que toma a palavra.

Tais considerações se tornam cada vez mais claras quando Edna opta por uma decisão que muda para sempre sua vida. Num ato de coragem, Edna abandona a sociedade *creole* de New Orleans. Nesse momento, os pensamentos da protagonista fluem da sua mente para as páginas do romance:

Pensou em Léonce e nas crianças. Faziam parte de sua vida, mas não deviam achar que podiam possuí-la de corpo e alma. Como Mademoiselle Reisz teria rido, zombado talvez, se soubesse! “E você se acha uma artista? Que pretensões, Madame! O artista deve possuir a alma corajosa que ousa e desafia” (CHOPIN, 1994, p.151).

Efetiva-se, assim, o ápice da emancipação de Edna Pontellier que mostra a formação do outro “eu”, aquele que abandonou a sociedade na qual não cabe mais habitar. A prática emancipatória e a construção do desejo são transformações que possibilitaram à protagonista constituir-se como sujeito.

Portanto, se retomarmos as palavras de Michelle Perrot sobre a grande dificuldade que as mulheres enfrentaram para conseguirem um espaço na sociedade,

terem o direito de fazer suas próprias escolhas tanto amorosas quanto profissionais, percebemos que a protagonista de *O despertar* ilustra de maneira singular o movimento das mulheres em busca da libertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi analisar a obra *O despertar*, de Kate Chopin, particularmente a emancipação da personagem principal, Edna Pontellier. Primamos por algumas passagens em virtude da natureza dessa pesquisa. Seria inviável contemplarmos todas as possibilidades de leitura que a obra de Chopin (1989) possibilita, justamente pelas coerções que o gênero artigo propõe.

Kate Chopin convida os leitores e leitoras a fazer uma profunda reflexão sobre a condição feminina, denunciando o que está por trás das máscaras matrimoniais: a repressão sofrida pela mulher ao ser relegada a uma condição inferior. A escritora nos mostra a mulher ante suas reais necessidades, capaz de questionar os valores fundamentais impostos pela sociedade como ideais: casamento e maternidade. Através disso, Kate Chopin pretende, por meio de sua produção literária, expressar uma maneira de libertar a mulher, na busca pela sua individualidade e pelas escolhas próprias.

Em *O despertar*, Edna Pontellier representa uma mulher em transgressão que passa a abandonar suas atividades como mãe, esposa e dona de casa. Edna deixa de lado o espaço privado e tenta ganhar a esfera pública através de seu próprio trabalho. A protagonista do romance desempenha um papel que não era atribuído à mulher pela sociedade da época, revelando-se uma personagem que não segue o modelo feminino imposto pelo patriarcalismo.

Nesse sentido, ao elaborar este trabalho, não visamos dar o assunto por vencido, mas sim pretender-se estabelecer uma importante contribuição para a fortuna crítica de Kate Chopin e para novas pesquisas na área da literatura norte-americana.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 51-80.

CHOPIN, Kate. **O despertar**. Tradução Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1994.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. 4. ed. rev. Tradução Sérgio Alcides. São Paulo: Globo, 2005.

FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico**. Tradução Fábio Fonseca de Melo. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar./maio 2002.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Tradução Fernando Cabral Martins. Lisboa: Veja, 1972.

MIGUEL, Ruth, s.v. Personagem. **E-Dicionário de Termos Literários**. Coord. De Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: < <http://www.edtl.com.pt> > Acesso em: 10. Jun. 2016.

PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada**: da revolução francesa à primeira guerra. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 121-186.

_____. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**. Introdução aos Estudos Literários. 2.ed. Coimbra: Almedina, 2001.

_____. “Sobre narratologia”. **Terra roxa e outras terras: revista de estudos literários/ Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina** . Vol. 4, n. 1, (2004), p. 3-8.

XAVIER, Elódia. Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina. In: XAVIER, Elódia (Org.) **Tudo no feminino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1928.

Recebido em: 02 de fevereiro de 2016.

Aceito em: 07 de agosto de 2016.